

**FACULDADE PATOS DE MINAS**  
**DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**MAYRA FERNANDA BARROS**

**A ARTE COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO  
PSICOTERAPÊUTICA**

**PATOS DE MINAS**  
**2016**

**FACULDADE PATOS DE MINAS**  
**DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**  
**CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

**MAYRA FERNANDA BARROS**

**A ARTE COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO  
PSICOTERAPÊUTICA**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia. Para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira

FACULDADE PATOS DE MINAS  
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
Curso Bacharelado em Psicologia

**MAYRA FERNANDA BARROS**

**A ARTE COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO  
PSICOTERAPÊUTICA**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 17 de  
Novembro de 2016.

Orientador: Prof. Me. Leonardo Carrijo Ferreira  
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Profa. Ma. Aline Fernandes Siva  
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Profa. Ma. Résia Silva de Morais  
Faculdade Patos de Minas

**DEDICO** este trabalho a aqueles que buscam uma maior percepção de si e do meio em que vivem através da arte.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus, a Ele toda honra e toda glória.

A meu amado que sempre me apoiou nesta batalha, mesmo quando eu não tinha força nem vontade para prosseguir não me permitiu desistir. Me suportando nos momentos de angústia e ansiedade, sempre disposto a me ajudar no que fosse preciso.

Aos meus estimados professores por terem me transmitido seus conhecimentos com muita dedicação.

A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível.

*Leonardo da Vinci*

# A ARTE COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO PSICOTERAPÊUTICA

## ART AS A STRATEGY OF PSYCHOTHERAPEUTIC INTERVENTION

Mayra Fernanda Barros<sup>1</sup>

Graduanda do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Leonardo Carrijo Ferreira<sup>2</sup>

Mestre em Psicologia. Universidade Federal de Uberlândia.

### RESUMO

O presente trabalho busca ressaltar a importância da Arte na Psicoterapia, uma vez que ambas constituem saberes que se inter-relacionam por lidarem com discursos e saber sobre o humano e a experiência da existência. Logo, ao utilizar-se da arte no processo psicoterápico como instrumento de intervenção para a promoção de saúde e qualidade de vida em pessoas que apresentam sofrimento psíquico ocorre uma correlação que se dá a partir de vários elementos, sendo um deles a criatividade. A utilização da construção artística como ferramenta de atuação profissional com finalidade terapêutica é conhecida como arteterapia. Tendo em vista as possibilidades terapêuticas do uso da arte, o presente estudo teve como objetivo pesquisar as interconexões existentes entre arte e psicoterapia, bem como suas possibilidades e limitações. Neste estudo, buscou-se ainda refletir sobre a arte enquanto estratégia de trabalho do psicólogo e ainda discutir os pressupostos fundamentais que sustentam a prática da arteterapia. Para tanto, foi promovida uma revisão não sistemática de literatura, a partir da busca e seleção de publicações que possam contribuir para aprofundamento do tema e alcance dos objetivos. A arte enquanto estratégia psicoterápica é um recurso que pode ser utilizado por meio de diferentes métodos e ainda a partir de distintas abordagens da psicologia. O estudo demonstrou que o paradigma estético, mecanismo propulsor do processo de criação artística, representa uma fonte de auto-afirmação existencial, o que torna a arte um espaço de construção e reconstrução essencial para o processo psicoterápico.

**Palavras-chave:** Arteterapia. Psicoterapia. Estratégias Terapêuticas.

---

<sup>1</sup> Orientanda

<sup>2</sup> Professor Orientador

## ABSTRACT

This study aims to highlight the importance of Arts in Psychotherapy, since both are knowledge that interrelate to deal with speeches and know about the human and the experience of existence. Therefore, the use is art in the psychotherapeutic process as an intervention tool for health promotion and quality of life in people with psychological distress is a correlation that occurs from several elements, one of creativity. The use of artistic construction as professional performance tool for therapeutic purposes is known as art therapy. In view of the therapeutic possibilities of the use of art, this study aimed to investigate the interconnections between art and psychotherapy, as well as its possibilities and limitations. In this study, we sought to further reflect on art as psychologist's work strategy, and discuss the fundamental assumptions underlying the practice of art therapy. To that end, it promoted a non-systematic review of literature, from the search and selection of publications that can contribute to deepening the theme and range of goals. Art as psychotherapeutic strategy is a resource that can be used by different methods and even from different approaches to psychology. The study showed that the aesthetic paradigm, thruster engine process of artistic creation, is a source of existential self-assertion, which makes art a building space and essential reconstruction to the psychotherapeutic process.

**Keywords:** Art therapy. Psychotherapy. Therapeutic strategies

## INTRODUÇÃO

A relação entre o processo de criação artística e a subjetividade humana constitui um importante campo de estudo e intervenção psicoterapêutica. Diversos autores como Jung, Nietzsche, Schopenhauer, Freud, entre outros já destacaram o papel do processo criativo e da estética como forma de expressão da subjetividade humana. A arte torna-se assim uma estratégia terapêutica com benefícios para o tratamento de diversas patologias psíquicas.

A arte e a psicoterapia constituem saberes que se interrelacionam na medida em que lidam com discursos e com o saber sobre o humano e a experiência da existência.

Diante da autenticidade da arte como manifestação libertadora, sendo ação combinada entre conhecimento e sentimento, utilizando-se de sensibilidade, imaginação e técnica; revela a realidade humana social e cultural sensivelmente observada e sentida.



Ao utilizar-se da arte no processo psicoterápico como instrumento de intervenção para a promoção de saúde e qualidade de vida em pessoas que apresentam sofrimento psíquico, há uma correlação que se dá a partir de vários elementos, sendo um deles a criatividade.

A criatividade e a saúde compreendem instâncias que encontram-se relacionadas à existência humana e que os processos de criação artística, por sua qualidade inovadora e transformadora, apresentam um importante potencial terapêutico e curativo.<sup>(1)</sup>

A utilização da construção artística como ferramenta de atuação profissional com finalidade terapêutica é conhecida como arteterapia.<sup>(2)</sup> Ela consiste num recurso terapêutico que, a partir da utilização do conhecimento de diversas áreas, se expressa enquanto prática transdisciplinar para resgatar o homem em sua integralidade em um processo de autoconhecimento e transformação. Por meio da expressão artística, o sujeito pode construir ou reconstruir suas dificuldades de relacionar-se consigo mesmo e com o mundo.<sup>(3)</sup>

A arteterapia pode ser entendida como uma ciência fundamentada em medicina e artes em geral que, utilizando-se de fundamentação teórica, propõe o alívio ou cura dos indivíduos como uso de técnicas de expressão artística, priorizando o processo criativo. Enquanto prática profissional, a arteterapia pode utilizar-se de diversas manifestações, tais como: psicodrama, teatro terapêutico, escultura, desenho, pintura e outras formas de manifestação artística.<sup>(4)</sup>

Desta forma, pode-se compreender que a utilização psicoterapêutica da arte constitui uma estratégia muito importante na prática profissional do psicólogo, dadas as possibilidades de aplicação e a eficiência da arteterapia no tratamento de diversos transtornos psicológicos.

Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo pesquisar as interconexões existentes entre arte e psicoterapia, bem como suas possibilidades e limitações. Neste estudo, buscou-se ainda refletir sobre a arte enquanto estratégia de trabalho do psicólogo e ainda discutir os pressupostos fundamentais que sustentam a prática da arteterapia.

## METODOLOGIA

Para atingir estes objetivos, o presente estudo consiste numa revisão de literatura, que consiste em um processo de busca e seleção de publicações que possam contribuir para aprofundamento do tema e alcance dos objetivos.

A pesquisa foi realizada a partir de pesquisa às bases de dados de publicações científicas (SCIELO, BIREME, LILACS, PePSIC) e outras bases para acesso a artigos, monografias, teses e dissertações, utilizando-se dos seguintes descritores: arteterapia; psicoterapia; e estratégias terapêuticas.

O critério de inclusão utilizado neste estudo foi o de que se tratasse de trabalhos com textos completos, no idioma português. Não foi estabelecido um período pré-definido para as publicações pesquisadas, tendo sido incluídas todas aquelas que se encontrassem dentro da temática proposta.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### A ARTE NA SOCIEDADE: Elementos conceituais e desenvolvimento

A palavra arte vem do latim *ars* ou *artis*, que significa a habilidade ou técnica que se adquire por meio do estudo ou da prática. O termo é derivado ainda do verbo *agere*, cujo significado é marchar, avançar, ou seja, agir. Desta forma, o artista representa, portanto, um agente e toda forma de arte tem como característica o sentido de ação ou atividade desenvolvida através de um processo teórico-prático concreto e individual onde a teoria constitui a meta pretendida e a prática representa os métodos ou caminhos utilizados pelo artista para sua expressão.<sup>(5)</sup>

Este conceito atribui ao artista a concepção de um homem de observação, de ação e de prática, visto que sem estes elementos a obra de arte é inexistente no plano material.

Existem diversas maneiras de definir a arte, sinteticamente, pode-se dizer que ela é o mecanismo de transmissão de ideias, pensamentos e emoções, por meio de um objeto artístico, proveniente da experiência humana e que apresenta seu valor.<sup>(6)</sup>

A arte pode ser entendida ainda como sendo um conjunto de meios que nos proporciona contato com coisas humanas interessantes, a partir da utilização de objetos comuns à vida cotidiana.<sup>(7)</sup>

Ela pode ser definida ainda como uma experiência humana de conhecimento estético, cujo papel é transmitir e expressar ideia e emoções do artista. Por essa razão, para a apreciação da arte é fundamental aprender a observar, analisar, refletir, criticar e ainda emitir opiniões fundamentadas em relação aos estilos, materiais e modos distintos de se fazer arte.<sup>(6)</sup>

Neste entendimento, a arte constitui um meio para decorar o mundo, contribuindo no cotidiano como forma de explicar e descrever a história, ou ainda como uma ferramenta de expressão de ideias, desejos e sentimentos.<sup>(8)</sup>

A produção artística constitui numa representação da expressão humana, sendo que o objeto artístico não necessita ser uma representação fiel daquilo que existe no mundo natural ou vivido e sim, na forma como as coisas podem ser segundo a visão ou desejo do artista.<sup>(9)</sup>

Todos estes conceitos conduzem ao entendimento de que a arte, enquanto prática humana, apresenta-se como função e valor a representação simbólica do mundo humano. Com ela o homem cria e aperfeiçoa as formas de transmissão da sensibilidade, não sendo possível sua transmissão por outros meios.<sup>(10)</sup>

Por representar uma expressão da sensibilidade do sujeito, cada sociedade possui variados estilos de produção da arte, uma vez que cada uma destas apresenta valores próprios, sejam eles morais, religiosos ou artísticos. Assim, em cada cultura a arte se manifesta segundo seus valores próprios.<sup>(6)</sup>

A arte é fundamental para que o homem seja capaz de conhecer e mudar o mundo em que vive. Porém, ela também tem o papel de criar um contexto de magia que é inerente a sua prática.<sup>(11)</sup>

A arte remonta dos primórdios da humanidade, tendo se revelado a partir de suas primeiras ações, sobretudo por meio de seu trabalho, condição necessária para sua sobrevivência, em que o homem transformava a natureza. As primeiras formas de expressão das artes foram através das pinturas rupestres, o que evidencia que o homem da caverna já demonstrava interesse, ainda naquele tempo, em se expressar de forma diferente.<sup>(12)</sup>

Isso reforça a ideia de que a arte representa um elemento importante na vida humana, uma vez que sua fluência e flexibilidade, possibilitam uma interação dinâmica entre os domínios afetivos e cognitivos dos indivíduos. Ela se constitui

também como um importante fator humanizador, na medida em que consolida como elemento integrante das sociedades humanas, não apenas para preservação e transmissão da cultura, mas também enquanto elemento primordial da sua própria produção cultural, interferindo diretamente sobre a sensibilidade, criatividade, imaginação e nos comportamentos individuais e coletivos.<sup>(10)</sup>

A este respeito, é necessário considerar que a arte não se constitui apenas num mecanismo de produção individual e sim coletiva, tem sua origem a partir de uma necessidade coletiva. O ser humano utiliza-se dela como forma de dialogar com meio em que vive. Assim, a arte somente apresenta um sentido quando sua representação for uma representação social.<sup>(12)</sup>

Acredita-se que a arte não se situa apenas como a simples consequência de modificações culturais, se expressando, principalmente, como um instrumento que proporciona essas modificações. Compreende-se, assim, que a arte incorpora novos conceitos em cada período, com a consequente modificação da forma pela qual o homem vê e pensa o mundo.<sup>(13)</sup>

No que tange às funções exercidas pela arte, destaca-se a existência de três principais: função pragmática ou utilitária; função naturalista; e por fim função formalista. A função pragmática insere-se como uma alternativa com o objetivo de alcançar uma finalidade não artística, a partir de uma ideia de que a arte pode encontrar-se com finalidades religiosas políticas ou sociais. Neste caso, não se interessa a sua qualidade estética, mas sim aquilo que ela se prestou em alcançar.<sup>(6)</sup>

Em função naturalista, a arte se destina a representar alguma coisa ao observador de maneira mais natural possível. Nesse contexto, o que interessa é a representação da realidade e da imaginação do conteúdo de determinada arte ao observador, de uma forma que este possa entender. O interesse ocorre então sobre o conteúdo da obra, fazendo com que ela seja entendida como uma janela que deixa entrever uma realidade que encontra-se fora dela, ou seja, não no mundo artístico mas no dos objetos retratados.<sup>(14)</sup>

Por fim, na função formalista a arte se preocupa com significados e motivos estéticos, tendo como foco a transmissão e expressão de ideias e emoções por meio dos objetos artísticos.<sup>(6)</sup>

#### A arte e as possibilidades terapêuticas

A arte representa uma atividade que, historicamente, está relacionada a valores diversos nas culturas humanas. Por sua função simbólica, ela facilita uma

relação profunda do homem com o mundo, permitindo a ele “[...] expressar e ao mesmo tempo perceber os atributos à sua vida, na sua eterna busca de um tênue equilíbrio com meio circundante.”<sup>(15)</sup>

Assim, a arte pressupõe algo pessoal e único, expressando a linguagem do inconsciente, dando forma a este elemento complexo que é a intimidade humana, sem as exigências que a lógica traz ao indivíduo. Este processo pode dar sentido às experiências, permitindo um significado e um ressignificado às vivências, ampliando e construindo a consciência do artista em sua relação com o mundo.<sup>(1)</sup>

Por exigir do sujeito uma intensa relação com a emoção, estruturando seu mundo interior e possibilitando a expressão através da simbolização, ela pode apresentar, nas mais diversas formas artísticas, uma importante função terapêutica.

O desenvolvimento de atividades artísticas constitui não apenas o confronto com uma nova forma de expressão, mas também possibilita a ressignificação de elementos do universo subjetivo do sujeito. Desta forma, o processo da criação artística estende a vivência criativa para um universo que extrapola o contexto do universo artístico, transpondo-se também para os acontecimentos da vida cotidiana, agregando novos valores ao viver.<sup>(16)</sup>

As atividades artísticas representam uma ampliação do viver, tornando-o mais intenso. Elas possibilitam um enriquecimento nos níveis de consciência ao torná-lo mais integrado, favorecendo para uma compreensão mais abrangente e intensificando o sentimento da vida.<sup>(17)</sup>

Essas atividades possibilitam aos praticantes das atividades artísticas múltiplas experiências, permitindo que esses reconfigurem elementos de suas realidades, por meio da imaginação e criatividade.

Ao longo do desenvolvimento do fazer artístico, o sujeito vivencia uma experiência de transformação, seja no que tange aos materiais como em relação a si mesmo, no cotidiano e nas relações interpessoais. O processo de criação fruto da arte tem um papel potencializador de uma nova realidade, exercitando, a partir de seu viver, uma experiência de criação e recriação.<sup>(16)</sup>

Nesta fase de criação permanente, obtida a partir da arte, permite uma reformulação existencial, executada por meio do diálogo com novas formas e configurações de viver. Essa oportunidade de criação, significação e interpretação de fenômenos internos e externos advindos da arte constituem portanto uma importante possibilidade terapêutica.<sup>(16)</sup>

A abordagem psicodinâmica que se utiliza das produções plásticas como instrumento mediador no processo de compreensão do indivíduo é definida como

arteterapia. O efeito terapêutico é obtido por meio das trocas verbais em torno do conteúdo da produção plástica.<sup>(18)</sup>

Atualmente, a arteterapia encontra-se fundamentada em artes de distintos níveis e técnicas terapêuticas diversas, tais como a psicanálise, gestalt-terapia, psicodrama, abordagem sistêmica, etc.

Com foco no processo criativo do paciente, a arteterapia permite o exame de conteúdos internos, com a aproximação do universo interior e a relação com o mundo externo, atuando como agente curativo, resgatando o ser criador e espontâneo que existe em cada ser humano.<sup>(18)</sup>

As atividades desenvolvidas na arteterapia cobrem um amplo espectro da experiência humana, incluindo experiências perceptuais, motoras, simbólicas e afetivas. Por esta razão, ela tem potencialidades de aplicação no tratamento dos mais diversos problemas que afetam o ser humano.<sup>(4)</sup>

#### Base histórica da utilização da arte como recurso terapêutico

Os primeiros estudos realizados visando relacionar o uso da arte em práticas terapêuticas remontam do final do século XIX, sendo direcionados principalmente à psiquiatria. Neste período Freud e Jung se dedicaram em aplicar a arte como forma de tratamento terapêutico. Freud estudou os artistas e suas obras à luz da teoria psicanalítica que surgia, explorando em seus estudos a manifestação do inconsciente em relação a da leitura das criações artísticas. Ele observou que o inconsciente poderia se manifestar por meio de imagens, com a criação de uma comunicação simbólica com função catártica, sendo que tais imagens escapavam da censura da mente, possibilitando ao analista captar de forma mais objetiva os seus significados.<sup>(19)</sup>

Jung por sua vez, considerava que os produtos artísticos seriam o reflexo do conteúdo simbólico apresentado pelo inconsciente individual ou do inconsciente coletivo. Ele então aplicava em seus atendimentos a arte como forma de elemento de cura, visto que de acordo com a postura adotada por ele, o homem poderia por meio da arte expressar seus conflitos e organizar seu caos interior.

Para Jung, a criatividade tinha uma função psíquica e natural da mente humana, com a função estruturante do pensamento. Esse processo natural era

realizado por intermédio de símbolos presentes no conteúdo onírico, nas fantasias e em diferentes formas de expressão de arte.<sup>(15)</sup>

Uma das primeiras pesquisas da intersecção entre a arte e a psiquiatria foi realizada no ano 1876 pelo médico psiquiatra Max Simon, que publicou estudos relacionados a manifestações artísticas em pacientes portadores de doenças mentais, classificando as patologias conforme suas produções artísticas. Simon foi um dos primeiros psiquiatras que reuniu uma coleção de pinturas e desenhos de pacientes psiquiátricos. Para ele os sintomas apresentados por seus pacientes estacam associados ao conteúdo do trabalho artístico que desenvolviam, o que possibilitava um direcionamento diagnóstico a partir de suas obras.<sup>(20)</sup>

Em relação à origem da arteterapia, suas principais precursoras foram Margaret Naumburg e Edith Kramer. Naumburg foi a primeira a apresentar uma sistematização teórica da arteterapia. Ela orientou seu trabalho a partir da utilização de concepções educacionais e associações livres, tendo sido influenciada pelas ideias de Freud e a relação que ele defendia da arte como um meio de estabelecer um diálogo entre consciente e o inconsciente.<sup>(15)</sup>

Florence Cane, irmã de Naumburg, em sua prática da arteterapia, desenvolveu métodos para liberar a expressão artística, criando uma nova alternativa e a diferenciando da anterior. Assim, segundo seus conceitos a arte tinha o poder de liberar não apenas a criatividade do artista mas também a sua saúde psíquica.<sup>(20)</sup>

A proposta de Florence Cane era que todo ser humano nascia com o poder de criar. Neste sentido, ela estruturou um modelo de ensino da arte a partir de três funções, o movimento, o sentimento e o pensamento. Através do processo artístico, ela acreditava que parte da cura dos doentes poderia ocorrer como resultado da catarse da produção artística, desde que fosse acompanhado por um profissional que, por meio do reconhecimento dos sentidos expressados em sua arte, ajudasse a pessoa a se conhecer também.<sup>(21)</sup>

Estabeleceu-se assim dois campos do saber: da arteterapia, aquele fundamentado nos conceitos de Margaret Naumburg em relação a arte-educação com a as ideias de Florence Cane como métodos de psicoterapia e pedagogia.<sup>(15)</sup>

Em 1958, Edith Kramer, passou a valorizar não apenas o produto (obra artística) final produzido, mas também todo o processo de criação artística, observando o comportamento, o criar arte e a expressividade. Em suas observações, estabeleceu que neste processo, o indivíduo poderia ter uma experiência altamente significativa com a aquisição do conhecimento do seu

funcionamento psicológico. Segundo a sua ideia, não seria necessária a interpretação do trabalho realizado e nem a obrigatoriedade de verbalização da mesma, com o propósito de explicar todos os aspectos pertencentes ao produto final.<sup>(22)</sup>

Em seu trabalho, Kramer ressaltou que este tinha um cunho terapêutico, uma vez que toda relação interpessoal positiva se estabelecia sobre uma modificação de atitude do indivíduo. As bases de suas análises também se deram a partir da teoria freudiana, tendo introduzido um importante requisito para a formação e qualificação do arteterapeuta, que este precisaria também ser professor de arte e artista.<sup>(15)</sup>

No Brasil, o início dos estudos sobre a associação da arte com a terapia também ocorreu a partir de estudos na área da psiquiatria. No ano de 1923, o médico psicanalista Osório César, se destacou pelo trabalho com doentes mentais internados em instituições asilares, tendo criado a Escola Livre de artes plásticas. Ela foi estabelecida dentro do Hospital Junquera, caracterizando-se como pioneiro na análise psicopatológica das expressões dos pacientes.<sup>(23)</sup>

Outro destacado profissional no campo da arteterapia no Brasil foi Nise da Silveira. Ela foi responsável pela criação, em 1946, da seção de Terapia ocupacional no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, no Rio de Janeiro. Foi responsável ainda por organizar o Museu de Imagens do Inconsciente, sendo este o único acervo de expressão dos institucionalizados daquele período.<sup>(24)</sup>

Nise se destacou por inovar a prática psiquiátrica, com a introdução no tratamento psiquiátrico de atividades expressivas espontâneas que se opuseram ao tratamento moral da época, substituindo substancialmente os tratamentos convencionais e constantemente usados naquele período, como no caso dos tratamentos por eletrochoques.<sup>(15)</sup>

O trabalho de Nise foi fortemente influenciado pela Psicologia Analítica de Jung. A partir dos conceitos de Jung, ela fortaleceu os fundamentos teóricos de seu trabalho, tendo iniciado as pesquisas sobre os mitos. Desta forma, Nise comparava as imagens criadas em seu ateliê aos mitos e imagens de rituais das antigas civilizações, tal como propunha Jung, fazendo com que os sentidos destas imagens fossem sendo decifrados pouco a pouco.<sup>(25)</sup>

A partir de então, a utilização da arte na psicoterapia tem obtido diversos novos adeptos, sendo aplicada por diversos profissionais, além da criação de cursos de especialização em arteterapia em grandes universidades brasileiras.



Em 1952, no já referido Museu de Imagens do Inconsciente encontra-se obras produzidas nos ateliês de pintura e de modelagem do Centro Psiquiátrico Pedro II no Rio de Janeiro.<sup>(26)</sup>

No conjunto das obras expostas neste museu, encontram-se representadas nas expressões artísticas o drama vivido pelos doentes mentais do Centro Psiquiátrico Pedro II, os quais deram forma as suas emoções, despotencializando as imagens ameaçadores de sua mente através da arte.<sup>(27)</sup>

As obras presentes no Museu de Imagens do Inconsciente não podem ser classificadas dentro de uma categoria de arte contemporânea, mas devem ser compreendidas como o fruto da “[...] emergência de imagens cujos símbolos e signos remete-nos a uma história imagética da espécie humana, uma verdadeira arqueologia da psique”. Essas obras revelam as riquezas do mundo interno dos doentes mentais, trazendo informações em relação aos conteúdos emergentes de processos psíquicos profundos.<sup>(26)</sup>

Além de demonstrar o talento dos artistas expostos no museu, sua criação pode ser considerado como movimento precursor da Luta Antimanicomial no Brasil, culminando como a Reforma Psiquiátrica Brasileira, trazendo avanços na legislação e na prática de cuidados em saúde mental. O Museu de Imagens do Inconsciente conjuga a arte e a ciência num ambiente de liberdade e convivência, sendo fonte inspiradora de iniciativas similares e contribuindo para desmistificar preconceitos e transformar paradigmas em relação a doença mental.<sup>(26)</sup>

## A ARTE E A PSICOTERAPIA NA VISÃO DE NIETZSCHE, SCHOPENHAUER E JUNG

### A arte no pensamento filosófico de Nietzsche

A base da concepção de Nietzsche sobre a arte é a tragédia grega. Para ele a tragédia representa o conflito entre as pulsões artísticas da natureza sendo que a arte trágica que permite a união e o equilíbrio dos instintos pulsionais apolíneo e dionisíaco da natureza.<sup>(28)</sup>

O princípio de Apolo é aquele de luz que faz surgir o mundo a partir do caos originário. Ele representa o poder ordenador que, domando a força da natureza às submete a regras, dando forma, delimitando e modelando. Já o princípio de Dionísio fundamenta-se no caos, da desmesura, da fúria sexual. Esse princípio se estabelece no mundo das aparências, das formas e da beleza.<sup>(29)</sup>

Para Nietzsche, a arte tem sua origem a partir da expressão de dois princípios, as pulsões naturais artísticas de Apolo e Dionísio. Eles se manifestam na vida humana por meio de estados estéticos fundamentados sobre o sonho, segundo a concepção apolínea, e a embriaguez, baseada na visão dionisíaca.<sup>(28)</sup>

O sonho representa a força artística que se projeta por meio de imagens e produz o cenário das formas e figuras. Por outro lado, a embriaguez constitui o estado que despedaça e destrói o finito e o individual, se desfazendo os laços do princípio de individuação, deixando surgir uma realidade mais fundamental com a união do homem a natureza.<sup>(30)</sup>

Nietzsche propõe que existem dois tipos de homens: o homem científico e o homem artístico. O primeiro representa aquele abastado em sua teoria e ciência, caracterizado por Nietzsche nas figuras de Sócrates e Platão.<sup>(31)</sup> O homem artístico caracteriza-se como superior quando comparado com o lógico e cientista. “Para o homem artístico, o questionamento e destruição dos velhos limites impostos pela dureza dos conceitos pode ser uma resposta criadora da intuição”.<sup>(32)</sup>

Para que haja arte, segundo Nietzsche, é necessário que existam alguma ação e contemplação estéticas, sendo indispensável uma condição fisiológica prévia: a embriaguez. Logo, as aparências apenas adquirem sentido quando encontram-se relacionadas ao mundo dionisíaco, possibilitando um sentimento de

plenitude e de intensificação das forças que irão se expressar por meio da ação artística.<sup>(29)</sup>

Na filosofia da arte de Nietzsche reforça-se a ideia de que para o artista é necessário esquecer, experimentando durante a produção artística uma segunda inocência, tornando-se momentaneamente um homem mais infantil e ao mesmo tempo refinado. Assim, o fenômeno artístico exige um processo de transformação existencial que, através da sua prática, conduz o homem a maior compreensão de sua realidade, tornando possível transformá-la, evidenciando assim o papel terapêutico da arte.<sup>(33)</sup>

### Schopenhauer e o contexto estético da arte

A utilização terapêutica da arte pode ser encontrada nos conceitos do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. Para se caracterizar suas ideias em relação a arte como mecanismo de transformação terapêutica é necessário, inicialmente, compreender o circuito do eterno conflito gerado pelo desejo que jamais se apagará, que constitui a base para a estética.<sup>(34)</sup> Para o autor, apenas com a contemplação do belo, da beleza natural e artística, que a fruição estética encontra a forma de promover uma suspensão, ainda que temporária, deste estado de servidão em relação à vontade, promovendo um momento de plenitude.

A relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto produz o belo que se distingue do que é sublime. O belo e o sublime ocorrem apenas na ideia, ou seja, no conhecimento intuitivo, que não apresenta relações. Para Schopenhauer, o gênio está ligado à produção (produzir uma obra) e também está ligado à contemplação artística. Logo, para ele não existe separação entre a contemplação artística e a produção. A arte se consolida assim como a comunicação de um conhecimento.<sup>(35)</sup>

Para Schopenhauer a estética se estabelece a partir de uma atividade artística cuja finalidade é revelar as ideias eternas, por meio de diversos graus. Isso justifica o fato dele estabelecer uma hierarquia entre as artes particulares, posicionando-as dentro de grau inferior que se estende até um grau superior, a partir do seguinte entendimento: arquitetura, escultura, pintura, poesia lírica, poesia trágica e, por fim, a música.<sup>(34)</sup>

A representação estética não encontra-se condicionada de forma empírica, não sendo submetida nem ao espaço, nem ao tempo, nem à causalidade.

Ela também não se remete ao conceito e à série das razões lógicas, se apresentando como a Ideia definida como primeira objetividade da vontade, constituindo assim um conhecimento verdadeiro, não filtrado pelas formas que condicionam o fenômeno.<sup>(36)</sup>

A vontade, segundo o pensamento de Schopenhauer é o elemento fundamental cuja finalidade é trazer o sentido das coisas e do mundo. Corresponde a união entre o corpo e o sentimento, proporcionando a essência metafísica elementar: a vontade da vida.<sup>(37)</sup>

A partir do conceito de Schopenhauer, pode-se compreender que a arte possui um poder neutralizador em relação a tirania do desejo que prende nossa subjetividade, ainda que este poder tenha como característica o fato de ser passageiro, uma vez que é o desejo que marca a existência. Assim, se tornar um puro sujeito de conhecimento, livre da vontade, constitui uma condição paradoxal por não ser mais sujeito nenhum, desta forma, o que a estética reforça é que a razão é inútil e a emancipação é algo inconcebível.

O processo de sofrimento relativo ao estado existencial traz a contemplação estética como momento de sublimação, fazendo com que o sujeito esteja, ainda que momentaneamente, livre desta insatisfação metafísica com a neutralização provocada pela arte.<sup>(34)</sup>

Este argumento, no qual o encantamento provocado pela arte provoca um estado de contemplação e arrebatamento diante da obra é defendido por Freud. Segundo sua ideia, a arte revela o inconsciente vislumbrado do artista, o que possibilita ao paciente romper com o limite dos assuntos que pensava poder tratar em separado e que torna-se possível pela interpretação psicanalítica das produções artísticas.<sup>(38)</sup>

A estética, materializada através da arte, representa uma espécie de mecanismo de defesa psíquica onde o psiquismo, ameaçado por uma sobrecarga de dor, converte a causa de sua agonia em ilusão inócua. Desta forma, o mundo apenas pode ser liberado do desejo se for estetizado, assim, a estética é o que rompe o domínio da teleologia, uma cadeia marcada por funções e efeitos em que todas as coisas estão trancadas, retirando, por um instante, um objeto das garras da vontade e o utilizando na forma de um puro espetáculo.<sup>(39)</sup>

Na visão de Schopenhauer a contemplação estética torna possível ao indivíduo transcender o modo comum de se perceber o mundo, o que permite uma libertação do desejo e da vontade, além de abrandar temporariamente a dor. A vontade, segundo a visão de Schopenhauer, “[...]é o princípio fundamental da

natureza, a força cega, incontrollável que move o mundo”.<sup>(40)</sup> Esta força se manifesta em toda natureza, porém apresenta características específicas nos seres humanos, cuja existência encontra-se subjugada a pressão universal da vontade.

A percepção estética, base da proposta de Schopenhauer, constitui-se numa visão imediata e direta, a partir da representação intuitiva pura, onde não intervêm nem o entendimento nem a razão. Por meio da arte, o indivíduo se perde no objeto da percepção, deixando de se preocupar consigo mesmo enquanto um objeto espaço-temporal, tornando-se destituído de vontade.<sup>(29)</sup>

A filosofia da arte de Schopenhauer exerceu importante influência na teoria da arte de Nietzsche, sobretudo na formulação dos impulsos artísticos e na incorporação de alguns princípios da metafísica e também alguns aspectos de sua teoria da arte. Da mesma forma, os conceitos de Nietzsche, por sua vez, também apresentaram grande influência sobre os pensamentos de Jung.

#### Jung e a abordagem psicoterapêutica da arte

A teoria de Jung estrutura-se a partir da premissa de que as pessoas, em seu curso natural de vida, em seus processos de autoconhecimento e transformação, encontram-se orientadas por símbolos. Os símbolos surgem a partir do self, correspondendo ao potencial mais pleno de cada indivíduo, ou seja, à totalidade da psique e à própria essência do sujeito. Ao longo da vida, o self, por meio dos símbolos, necessita ser reconhecido, compreendido e respeitado.<sup>(41)</sup>

Os símbolos são projeções de todo e qualquer aspecto relativo a natureza humana, expressando a sabedoria humana armazenada individualmente.<sup>(42)</sup> É a partir dos símbolos que as dificuldades humanas são manifestadas, assim como as possibilidades de vida e desenvolvimento.<sup>(43)</sup>

Esses símbolos, expressos por meio da atividade criativa em uma obra, tornam-se o guia de orientação do trabalho na abordagem junguiana, visto que, além de informar de maneira simbólica-metáforica sobre os conteúdos inconscientes que necessitam ser trabalhados, ele permite um acelerado processo de comunicação e autoconhecimento.<sup>(44)</sup>

No contexto da abordagem de Jung, a psicoterapia através da arte tem o papel de instrumentalizar a pessoa com materiais expressivos diversos e adequados, tornando possível a expressão e a comunicação de símbolos da energia

psíquica, tais como os sentimentos, sonhos, emoções, fantasias, afetos, desejos e conflitos, diretamente para o meio externo, o que permite revelações, reconhecimentos, reconstrução, resgates e, conseqüentemente, a transformação. A arteterapia se constitui numa abordagem que produz a liberdade de expressão, sustentando a autonomia criativa.<sup>(45)</sup>

De acordo com o entendimento de Jung, é necessário que o indivíduo possua acesso a diversas técnicas expressivas, tais como desenho, pintura, colagem, modelagem, construção, entre outras, como forma de atender à singularidade das pessoas, utilizadas, principalmente, para restituir áreas desusadas, núcleos bloqueados, o que vai trazer a possibilidade do livre fluir da energia psíquica.<sup>(45)</sup>

As produções simbólicas, tais como as proporcionadas pela atividade artística, revelam uma psique em múltiplos estágios, com a ativação da comunicação entre inconsciente, elementos que encontravam-se ocultos e o ego do sujeito, o que tornam esses elementos mais acessíveis, possibilitando a sua compreensão.<sup>(46)</sup>

Para Jung, as expressões artísticas podem ter origem em dois tipos de artistas, os do gênero introvertido e o artista extrovertido. No artista introvertido, o movimento da energia psíquica é direcionado para o mundo interior, sendo aquele possuído por suas imagens interiores. Este gênero caracteriza-se pela “afirmativa do sujeito e de suas intenções e finalidades conscientes em oposição às solicitações do objeto”.<sup>(52)</sup>

Já no artista do gênero extrovertido, a energia psíquica é voltada para o mundo externo, sendo possuído pelo objeto, sendo assim caracterizado pela subordinação do sujeito em relação às solicitações do objeto.<sup>(52)</sup>

A prática da arteterapia permite a decifração do mundo interno do paciente, uma vez que compreensão das formas simbólicas permite o confronto com o inconsciente e a tomada de consciência de seus conteúdos.<sup>(47)</sup>

A arteterapia auxilia no processo de individuação, ou seja, no processo de tornar o homem consciente de sua identidade profunda enquanto ser único e autêntico no mundo<sup>(46)</sup> e ainda construção do sujeito, sendo este um processo facilitador ao mundo imagético e simbólico do sujeito, permitindo o desenvolvimento de potenciais latentes e do autoconhecimento. Com o desenvolvimento de seu potencial, com a aquisição da liberdade e da autoconfiança, o indivíduo se torna apto a superar seus próprios problemas.<sup>(45)</sup>

Assim, não é suficiente pensar numa ideia ou solução para a resolução de um determinado problema, é necessário materializá-la e concretizá-la. Para que isso

ocorra, é necessário que se utilize técnicas expressivas apropriadas. Para Jung as técnicas expressivas constituem o mecanismo de acesso ao inconsciente, a partir da conjugação da imagem e ação, mediante um processo de auto-organização e desenvolvimento, transformando o aparente desconhecido em conhecido.<sup>(49)</sup>

Na arteterapia, a partir dos conceitos de Jung, a arte é compreendida como um processo expressivo desprendido de questões de ordem estética, técnica ou acadêmica. Logo, Jung sugere que o indivíduo, ao tentar dar forma visível as imagens internas provenientes dos tumultos das emoções, torna-se possível confrontá-las. O que importa, neste processo, é propiciar a oportunidade de desenvolver de forma livre algo que o indivíduo possa materializar, participando de forma ativa dos acontecimentos imaginados.<sup>(50)</sup>

Cabe destacar que pela arte, o inconsciente pode se manifestar de forma construtiva, materializando-se a partir de distintas configurações, segundo o material trabalhado e, de forma simultânea a este processo de mudança, proporcionar a afirmação da subjetividade e a valorização do desenvolvimento criativo, que se encontra presente na obra artística. Porém, além da conscientização e aceitação dos conteúdos sombrios provenientes do indivíduo, é necessária a contenção e transformação dos símbolos de modo a favorecer o processo de individuação.<sup>(51)</sup>

Um aspecto importante na teoria junguiana é que as imagens necessitam ser estudadas em séries, uma vez que, muitas vezes, é difícil apreender a significação de uma única imagem. Isso faz com que seja necessário o estudo comparado de diversas imagens, facilitando a sua compreensão e permitindo uma maior clareza no desdobramento dos processos intrapsíquicos.<sup>(50)</sup>

Destaca-se ainda, dentro desta abordagem terapêutica, as estratégias de amplificação do material simbólico, ou seja, o aprofundamento ou a expansão das imagens inconscientes dos pacientes, realizadas por meio das associações dirigidas e das histórias dos símbolos. Ela se objetiva a tornar mais compreensível e interpretativo ao paciente a significação de sua imagem criada dentro do contexto do universo artístico.<sup>(49)</sup>

De acordo com a ideia de Jung, existem duas possibilidades de origem das obras, uma caracterizada pela afirmativa do sujeito, sendo realizada por aqueles que se identificam com o processo criativo, colocando-se como instrumentos, subordinando os materiais aos propósitos que almejam, e outros inundados por ideias e imagens que se impõem ao autor, revelando com espanto pensamentos e inquietações íntimas, caracterizadas pela subordinação do sujeito às solicitações do objeto.<sup>(52)</sup>

Assim, na visão de Jung, a obra de arte consiste num complexo autônomo, de fundamental importância à espécie humana. Trata-se de uma atividade arquetípica, repetindo-se nas mais diversas culturas, exercendo uma função estruturante na personalidade. Segundo a sua concepção psicológica da arte, a criatividade possui a força de um instinto, sendo fonte de saúde para o homem. A partir de seus estudos, Jung acreditava na possibilidade de organização do caos interior, na afirmação de individualidade e aumento da autoestima por meio de experiências artísticas que conduzem a imaginação livre e espontânea.<sup>(15)</sup>

Ainda em relação a visão de Jung acerca da expressão artística, destaca-se o papel exercido pelo teatro ao permitir que o sujeito veja a si mesmo, se pense e se repense, possibilitando ser tocado em sua emoção e sensibilidade. Nele, se torna possível a experimentação de novos papéis, a criação de histórias e personagens.<sup>(4)</sup>

## CONCLUSÃO

A arte enquanto estratégia psicoterápica é um recurso que pode ser utilizado por meio de diferentes métodos e ainda a partir de distintas abordagens da psicologia.

O estudo demonstrou que o paradigma estético, mecanismo propulsor do processo de criação artística, representa uma fonte de autoafirmação existencial<sup>(51)</sup>, o que torna a arte um espaço de construção e reconstrução essencial para o processo psicoterápico.

Neste sentido, a arte, cristalizada como um movimento de catálise poético-existencial, exercido através da expressão de discursividades escriturais, vocais, musicais ou plásticas, tem a capacidade de promover rupturas ativas no interior dos tecidos significacionais, permitindo o funcionamento de uma subjetividade da emergência.<sup>(53)</sup>

O papel da arte na forma de elemento educador, estimulando a adoção de comportamentos éticos pode ser verificada desde a Grécia Antiga e o teatro trágico da época.<sup>(54)</sup> Os temas abordados no teatro antigo grego estavam relacionados aos mitos e ao cotidiano, compreendendo então um importante espaço de debate e reflexão.<sup>(55)</sup>

As experiências em arteterapia apresentadas nas obras consultadas tem demonstrado ainda, a oportunidade de crescimento do indivíduo, oportunizada pela



construção artística, sobretudo pela desconstrução e ampliação do repertório de respostas diante de questões e situações de conflito.

Por fim, o estudo permitiu verificar que a arteterapia constitui um recurso muito importante, uma vez que possibilita estimular e fortalecer as forças criativas dos indivíduos, melhorar a autoestima, enfrentar bloqueios emocionais e favorecer o autoconhecimento e a expressão da individualidade. É, portanto, um mecanismo de transformação e reequilíbrio psíquico do sujeito que deve, sempre que possível, ser utilizado enquanto estratégia de atuação do psicólogo.

## REFERÊNCIAS

1. Ciornai S. Percursos em Arteterapia. São Paulo: Summus Editorial; 2004.
2. Carvalho R. Arte-Terapia: identidade e alteridade, uma perspectiva polimórfica. *Arte terap: reflex.* 2005;6:23-30.
3. Coqueiro NF, Fernandes MFV. A arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. In: Anais da V Jornada Internacional de Políticas Públicas; 23-26 ago 2011; São Luís. São Luís: Universidade Federal do Maranhão; 2011. p.1-8.
4. Vasques MCPC. A Arteterapia como Instrumento de Promoção Humana na Saúde Mental [dissertação] [Internet]. Botucatu: Universidade Estadual Paulista; 2009. [acesso em 2016 jun 29]. Disponível em: [http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98472/vasques\\_mcpcf\\_me\\_botfm.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/98472/vasques_mcpcf_me_botfm.pdf?sequence=1&isAllowed=y)
5. Rohden H. Filosofia da Arte: A metafísica da verdade revelada na estética da beleza. São Paulo: Martin Claret; 2007.
6. Azevedo Junior JG. Apostila de Arte – Artes Visuais. São Luís: Imagética Comunicação e Design; 2007.
7. Ortega Y, Gasset J. A desumanização da arte. São Paulo: Cortez; 2005.
8. Antoine-Andersen V. Arte para compreender o mundo. São Paulo: SM; 2007.
9. Biesdorf RK, Wandscheer MF. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. *Rev. Elet. Curso Pedagogia.* 2011;2(11):18-29.
10. Duarte Júnior JF. Por que arte-educação? Campinas: Papyrus; 1985.
11. Pereira LHP. Ludicidade e Arte-educação: tecendo fios e cores. In: Portes EA. Diálogos sobre ensino, educação e cultura. Rio de Janeiro: E-papers; 2006. p. 119-130.
12. Fischer EA. Necessidade da Arte. 9ª. ed. Editora LTC: Rio de Janeiro; 1987.
13. Barbosa AM. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: Com Arte; 1998.
14. Aranha MIA, Martins MHP. Temas de Filosofia. São Paulo: Moderna; 1992.
15. Andrade LQ. Terapias Expressivas. São Paulo: Vetor; 2000.
16. Costa ED. O programa permanente composições artísticas e terapia ocupacional (PACTO): uma proposta de atenção na interface arte-saúde. *Rev ter ocup.* 2000;11(2):45-55.

17. Castro ED, Silva D. M. Habitando os campos da arte e da terapia ocupacional: percursos teóricos e reflexões. *Rev ter ocup.* 2002;13(1):1-8.
18. Yokota M. A experiência de melhora dos sintomas através da arte-terapia em adolescentes com depressão refratária [dissertação] [Internet] São Paulo: Universidade de São Paulo; 2003. [acesso em 2016 jun 29]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5160/tde-01102014-120213/publico/MariliaYokota.pdf>
19. Carvalho MM. A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia. 2ª. Campinas: Livro Pleno; 2004.
20. Bilbao GGL, Cury VE. O artista e sua arte: um estudo fenomenológico. *Paideia.* [periódico na Internet]. 2006 [acesso em 2016 set 07];16(33):91-100. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/paideia/v16n33/12.pdf](http://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n33/12.pdf)
21. Silva SM. A arteterapia na escola pública. [monografia] [Internet] Niterói: Universidade Cândido Mendes; 2009. [acesso em 2016 set 07]. Disponível em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/N203125.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N203125.pdf)
22. Sei MB. Arteterapia com famílias e psicanálise winnicottiana: uma proposta de intervenção em instituição de atendimento à violência familiar. [tese] [Internet] São Paulo, Universidade de São Paulo; 2009. [acesso em 2016 set 07]. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-30112009-093127/publico/TeseFinal.PDF>
23. Vasconcellos EA, Giglio JS. Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar. *Estud. psicol.* [periódico na Internet]. 2007. [acesso em 2016 jun 29];24(3):375-83. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n3/a09v24n3.pdf>
24. Andriolo A. A “Psicologia da Arte” no olhar de Osório Cesar: leituras e escritos. *Psicol. ciênc. prof.* [periódico na Internet]. 2003. [acesso em 2016 jun 29];23(4):74-81. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a11.pdf>
25. Carvalho SMM, Amparo PHM. Nise da Silveira: a mãe da humana-idade. *Rev. latinoam. psicopat. fund.* [periódico na Internet]. 2006. [acesso em 2016 set 19];9(1):126-37. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v9n1/1415-4714-rlpf-9-1-0126.pdf>
26. Cruz Júnior EG, Pinheiro LVR. Museu de Imagens do Inconsciente: ações, desafios e potencialidades para a transformação social. Rio de Janeiro; 2010, p. 366-379.
27. Weinreb ME. Imagem e desrazão: estudo da produção plástica de Manoel Luiz da Rosa. [dissertação] [Internet] Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. [acesso em 2016 set 20]. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/2435/000369647.pdf?sequence=1>
28. Coqueiro NF, Vieira FRR, Freitas MMC. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. *Acta paul enferm.* [periódico na Internet]. 2010.

- [acesso em 2016 jun 29];23(6):859-862. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n6/22.pdf>
29. Vianna GMMV. Psicologia/Arte no pensamento filosófico de Nietzsche. *Psicol. ciênc. prof.* 1995;15(1-3):30-31.
30. Dias RM. A influência de Schopenhauer na filosofia da arte de Nietzsche em O nascimento da tragédia. *Cad Nietzsche*. [periódico na Internet]. 1997. [acesso em 2016 set 07]; 07-21. Disponível em: <http://www.verlaine.pro.br/txt/rosadias-schop-niet.pdf>
31. Dias, RM. Arte e vida no pensamento de Nietzsche. *Cad. Nietzsche*. [periódico na Internet]. 2015; [acesso em 2016 set 07];36(1):227-44. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v15n1-3/07.pdf>
32. Armstrong J. Lições de vida Nietzsche. Rio de Janeiro: Zahar; 2015.
33. Forghieri MC. Nietzsche, Arte e Estética. *Rev recen comun cult*. [periódico na Internet]. 2005; [acesso em 2016 set 07];3(1):563-567. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/forghieri-marisa-nietzsche-arte-estetica.pdf>
34. Pereira CLJ. Nietzsche e a fisiologia da arte. *Cad. Nietzsche*. [periódico na Internet]. 2015; [acesso em 2016 set 07];36(2):177-200. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cniet/v36n2/2316-8242-cniet-36-02-00177.pdf>
35. Schopenhauer A. O mundo como Vontade e como Representação. São Paulo: UNESP; 2005.
36. Borges JL. História Universal da Infâmia. São Paulo: Globo; 2004.
37. Cacciola ML. A contemplação estética: Schopenhauer e Mondrian. *Dois pontos*. [periódico na Internet]. 2014; [acesso em 2016 jun 29];11(1):91-103. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/doispontos/article/download/34592/22455>
38. Schopenhauer A. O mundo como vontade e representação: texto integral. Rio de Janeiro: Nova Fronteira ; Saraiva; 2012.
39. Ferreira LC, Próchno CCSC, Romera MLC. O encantamento como possibilidade de conhecimento e as vicissitudes do real. *Psicol. Saúde Debate*. [periódico na Internet]. 2015; [acesso em 2016 set 07];1(2):55-70. Disponível em: <https://psicodebate.files.wordpress.com/2015/08/5-ferreira-et-al-2015.pdf>
40. Ferreira AL. O conceito de Vontade em O Mundo como Vontade e Representação, de A. Schopenhauer. *Rev. Eros*. [periódico na Internet]. 2013; [acesso em 2016 set 19];1(1):5-22. Disponível em: <http://www.uvanet.br/helium/index.php/eros/article/download/31/11>.
41. Eagleton T. A ideologia da estética. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
42. Philippini A. Arteterapia, um caminho. *Rev. imag transf.* 1994;1(1):39-40.

43. Kast V. A imaginação como espaço de liberdade: diálogos entre o ego e o inconsciente. São Paulo: Edições Loyola; 1997.
44. Medina Filho AL. A Metáfora Terapêutica. *Imag transf.* 1997;4(4):21-31.
45. Urrutygaray MC. A transformação pessoal pelas imagens. 3ª ed. Rio de Janeiro: Mak; 2003.
46. Sant'ana, DB. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea.* São Paulo: Estação Liberdade; 2001.
47. Diniz L. *Mitos e arquétipos na arteterapia.* Rio de Janeiro: Wak; 2010.
48. Grinberg LP. *Jung – O homem criativo.* São Paulo: FTD; 1997.
49. Philippini A. *Cartografias da coragem. Rotas em Arteterapia.* Rio de Janeiro: Pomar; 2000.
50. Silveira N. *Imagens do Inconsciente.* Rio de Janeiro: Tipo Editor, 1981.
51. Young-Eisendrath P, Dawson T. *Manual de Cambridge para estudos junguianos.* Porto Alegre: Artmed; 2002.
52. Jung CG. *O espírito na arte e na ciência.* 7. ed. Petrópolis: Vozes; 2012.
53. Guattari F. *Caosmose: um novo paradigma estético.* São Paulo: Editora 34; 1992.
54. Souza PR, Pereira JJM. *Teatro, educação e transformação social na Grécia Antiga: a função educadora do poeta.* In: *Anais do Seminário de Pesquisa PPE; 08-09 jun 2009; Maringá, BR.* Maringá: Universidade Estadual de Maringá; 2009. p. 1-12.
55. Codeço VFS. *Teatro Grego Antigo: um território instrutivo. Hélade.* [periódico na Internet]. 2015. [acesso em 2016 set 19];1(1):93-100. Disponível em: [http://www.helade.uff.br/v1n1/helade\\_v1\\_n1\\_vanessa\\_codeco.pdf](http://www.helade.uff.br/v1n1/helade_v1_n1_vanessa_codeco.pdf)

## ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

**Autor Orientando:**

Mayra Fernanda Barros

Rua Quirino Araujo 587, Bairro Barro Preto, Presidente Olegário MG.

(34) 99183 4647

Email: mayra240188@yahoo.com.br

**Autor Orientador:**

Leonardo Carrijo Ferreira

Rua Major Gote 1408, Centro, Patos de Minas MG.

(34) 3818 2300

Email: coordenacaodpgpsi@faculdadepatosdeminas.edu.br

## DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 17 de Novembro de 2016.

---

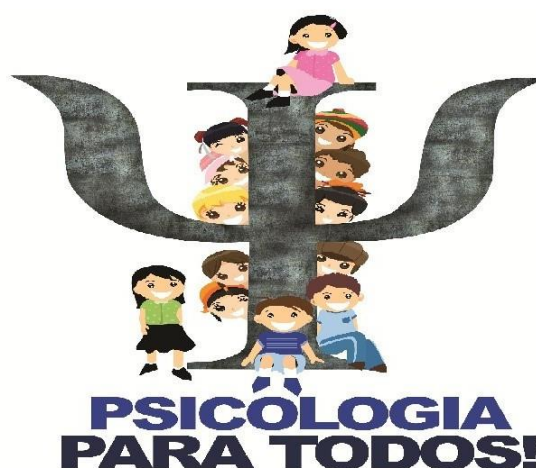
Mayra Fernanda Barros

---

Leonardo Carrijo Ferreira



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

**Curso de Graduação em Psicologia**

Bacharelado (Formação de Psicólogo)

Portaria de Reconhecimento MEC – DOU N°. 371 de 30 de Agosto de 2011.

*“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”*

*(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)*



